



FERNANDO MORAIS



SOBRE CORAÇÕES

5. A POLÍCIA DESCOBRE O FUMIE, A TORTURA QUE SÓ FERE A ALMA DO PRESO

(...)

Com os xadrezes do DOPS lotados, as novas levas de presos passaram a ser distribuídas pela Casa de Detenção, Penitenciária do Estado e pelos distritos policiais dos bairros da capital. A organização obsessiva dos dirigentes da Shindo Renmei facilitava o trabalho da polícia: os arquivos da sede central guardavam listas de milhares de militantes com endereços e funções de cada um deles. Além disso, a minuciosa contabilidade da organização registrava o destino de cada centavo arrecadado dos simpatizantes, permitindo que a polícia descobrisse o setor da sита que recebia o grosso dos recursos da Shindo Renmei: eram as Suishintai --- “grupos de avanço” ---, que forneciam a mão-de-obra para os pelotões tokkotai. Mesmo que a polícia dispusesse de informações tão abundantes, os interrogatórios policiais eram demoradíssimos. Primeiro porque a maioria não falava português, o que obrigava a polícia a dispor, além de um policial e um escrivo, de um interprete de plantão para o depoimento. E, também, porque nenhum deles parecia abrir o bico.

Nos primeiros interrogatórios o policiais imaginavam ter descoberto um meio infalível para saber quem era e quem não era militante da Shindo Rnemei: bastava perguntar quem venceu a guerra. Se respondesse “o Japão”, não havia dúvidas, era terrorista. O problema é que era raro alguém responder o contrário: apenas um ou dois em cada vinte presos respondia que a guerra tinha sido vencida pelos Aliados. O método foi abandonado quando chegou do interior um policial que escoltara dois ônibus de presos vindos da região de Marília. Segundo lhe disseram um delegado da cidade, o segredo era obrigar o preso a fazer o *fumie* – ou seja, “pisar a figura”.

“Poe uma bandeira do Japão ou um retrato do imperador no chão e manda o japonês pisar ou cuspir em cima. Se ele se recusar é porque é da Shindo.”

O *fumie* era pratica originaria da época dos samurais, no início do século XVII. Para descobrir entre os japoneses quem havia sido convertido ao cristianismo pelos jesuítas, as autoridades colocavam o chão uma imagem de Cristo e obrigavam o suspeito a pisar nela. Quem se recusasse era detido como cristão. Para a maioria dos japoneses, o fumie era mais humilhante e doloroso dos que as torturas físicas, estas também frequentes na polícia. Tidos como criminosos fanáticos, os japoneses presos não mereciam compaixão de ninguém. E, como não havia embaixada nem consulado japoneses no Brasil para protestar, os policiais se sentiam a vontade para usar a violência ao tentar extrair informações dos presos. Quem se recusasse a cometer a heresia era castigado com surras de cassetetes na sola dos pes, afogamentos simulados em tinas cheias de água ou ameaça de ser mandado, mesmo sem processo, para o presidio da ilha Anchieta, situado a menos de um quilometro de distância do litoral norte de São Paulo, os o isolamento era absoluto.

Assim o fumie passou a ser aplicado indistintamente em todo japonês que caísse nas mãos da polícia --- não apenas pelos carcereiros e investigadores, mas até pelos delegados (...)

Trecho da obra: Corações Sujos – *A História da Shindo Renmei*, de Fernando Moraes, 3ª edição, São Paulo: Editora Cia. das Letras, 2011.